

Lista de dados e factos para a argumentação

1. Maquetas para uso exclusivo da rodagem

Para a fase de rodagem do filme, foi necessário preparar maquetas (provisórias como o nome indica) de modo a que os actores pudessem, ao filmar, dançar e cantar com as palavras e o ritmo da música que, depois, seria gravada em estúdio com verdadeiros músicos.

Essas maquetas são “sequências electrónicas MIDI”, feitas em casa, nas quais os sons são produzidos por máquinas que sugerem o som dos verdadeiros instrumentos.

Quando se tratou de maquetas de partes cantadas, eu próprio e uma colaboradora ocasional gravámos essas vozes provisórias.

Foram feitas maquetas para as seguintes partes do filme:

- Sequência do cabaret (“Pranto do Travesti”);
- Sequência do baile de S.Pedro de Alcântara;
- Canção da Sílvia (protagonista);
- Canto das “Noivas” no cais do Tejo;
- Dança dos polícias no cais do Tejo;
- Samba do Catão (festa em casa de Catão);
- Luta do escadório do Castelo de S.Jorge (sendo esta maqueta constituída apenas por uma elementar pulsação rítmica destinada a servir de base à coreografia dos corpos, prevendo-se sobrepor-lhe, a posteriori, a música definitiva).

Em nenhum caso foi previsto que o som destas maquetas visse a fazer parte da banda sonora definitiva do filme.

2. Não-participação minha nas misturas finais do som do filme

Já fiz a música para cerca de uma dezena de filmes. Naqueles em que a música tinha um papel considerado de destaque pelo realizador – “Agosto” de Jorge Silva Melo, e “Até amanhã, Mário” de Solveig Nordlund – foi-me pedido e dado participar nas misturas finais do som do filme (no primeiro caso em Paris, no segundo em Madrid).

Isto compreende-se dado que se trata de misturar a música do filme com todos os restantes sons do filme (diálogos, sons de ambiente, *bruitages*, etc.), e de, nesse contexto, assegurar uma adequada inserção dos trechos musicais na banda sonora geral.

Logo no primeiro contacto para este filme, o realizador disse-me, perante a sua equipa: “Trata-se de um filme musical”. Com efeito, para uma duração

aproximada de 90 minutos, foram produzidos para este filme cerca de 50 minutos de música.

Ofereci-me, durante a fase de montagem, ao realizador e ao produtor executivo, para estar presente nas misturas finais, as quais, ao que sei, foram feitas em Paris. Aí se teria podido constatar, e eventualmente prevenir, a maior parte das adulterações que foram cometidas na obra musical.

Contudo não me foi feito qualquer convite expresso para acompanhar as misturas finais. O que leva a crer que já antes delas serem feitas, já haveria a intenção de proceder a manipulações adulterantes da obra às quais se pensaria, e bem, eu me iria opor firmemente.

3. **A ida a estúdio, sem mim, depois de entregue o trabalho**

Já depois de entregue o trabalho, a produtor executivo do filme pediu-me, através do meu assessor Paulo Salgado, as cassetes multipista originais (standard D-38), alegando que era necessário voltar a estúdio para extrair dessas cassetes um som de percussões (que no meu trabalho estão misturadas com outros instrumentos), com a finalidade de usar esse som como efeito sonoro no filme.

Perante os exactos termos deste pedido, acedi e entreguei o material necessário para a operação, a qual foi intermediada pelo Paulo Salgado, executada em estúdio pelo técnico assistente do estúdio Mário de Jesus, e decorreu sem a minha presença.

Só agora, ao ver a versão acabada do filme, pude verificar que foram, nessa ocasião, abusivamente feitas outras manipulações, nomeadamente uma que é muito grave: de uma peça coral a 6 vozes mistas (no plano de gravações intitulada “Coro Ligeti”, em homenagem ao compositor), foi extraída uma parte das vozes femininas componentes da peça, a qual é apresentada no filme extensamente e totalmente separada do seu contexto.